

EsFLUP

ALINE CRISTINA PEREIRA.

A TEORIA DOS COMPLEXOS.

Cabo Frio.

2020

Resumo:

Esse estudo de caso tem como objetivo investigar o conceito de complexo na obra de Carl Gustav Jung, então como parte do processo de aprendizado realizaremos um recorte teórico usando um caso clínico, a história de um homem, 35 anos que recorreu a análise por conscientemente entender que suas reações diante de algumas demandas da vida tem sido exageradas lhe causando inúmeros transtornos sociais, bem como fatores psicossomáticos. Dessa forma e, como veremos a seguir, a teoria dos complexos nos trará instrumentos importantes para a reflexão do caso.

Introdução:

Ao longo da década de trinta, Jung surge com a teoria dos complexos como uma parte constituinte da psique, como um caminho para o inconsciente. O conceito de complexo é de fundamental importância para o trabalho clínico por que eleva para um outro nível a compreensão do homem em todas as situações de expressão humana como as artes, a religião, produção de conhecimento, processos coletivos e as mais diferentes formas de relação que estabelece consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Os complexos são como os construtores da subjetividade.

A obra de Jung se distribui em duas vertentes: a das três grandes formulações teóricas que são a teoria dos complexos, os tipos psicológicos e os arquétipos do inconsciente coletivo. Não temos a pretensão de esgotar a fundo esses assuntos já que para esse trabalho cabe-nos a compreensão do conceito dos complexos, num recorte teórico exemplificado por um caso com o objetivo de cumprir as exigências do curso de especialização em Psicologia Analítica Junguiana. Contudo, é necessário saber que foi na condução de um experimento voltado ao estudo da simulação de distúrbios mentais, utilizando a técnica da associação de palavras, que Jung discutiu a respeito da emoção e sua ação dissociante sobre a consciência. Isso contribuiu para uma revisão da literatura anterior a respeito da dissimulação, até então vista como influência nociva sobre o estado mental. Nesse estudo Jung usa pela primeira vez o termo complexo de tonalidade afetiva. Utiliza a expressão "idéia com carga emocional intensa" para apresentar reações sem sentido, incompreensões e repetições representadas por um dos sujeitos diante das palavras estímulo.

Mais tarde Jung entende que, as associações não se localizam entre as palavras-estímulo e as respostas, mas entre conteúdos inconscientes que são atidos e que se associam a outros conteúdos. É como uma rede associativa contendo fantasias, lembranças, imagens

Estudo de Caso.

Para esse artigo, estudaremos um caso clínico que relata a vivência de um paciente com 35 anos que reconhece ter reações exageradas, bem como, manifestações de sintomas físicos quando se vê em alguma situação de confronto, fazendo com que se torne agressivo e em seguida relata sentir vergonha e arrependimento. Isso tem comprometido seu rendimento no trabalho, seu relacionamento conjugal e social. O paciente entende que desde sua infância reage precipitadamente, mas somente agora na fase adulta percebe o quanto esta se prejudicando.

O paciente chegou em análise, dando ênfase a fala "preciso desconstruir e fazer meu caminho todo de novo, preciso me manter equilibrado". Segundo o que conta, desde menino se sente na responsabilidade de resolver tudo para todo mundo. Logo na primeira sessão se lembrou de uma cena, nessa cena os pais estavam muito alterados e, além dos socos e pontapés, o então menino assistiu o pai golpear algumas vezes a mãe com uma faca. Segundo ele, nesse momento, mesmo sendo o caçula, saiu em defesa da mãe. Nessa ocasião, o menino tinha 9 anos de idade. Ainda disse que não tem muitas lembranças da infância, somente essa.

Atualmente em sua vida adulta, ele exerce profissionalmente função de liderança em uma instituição financeira, e "cuida" de todos os parentes da família. Relata que tem a impressão de que todas as pessoas precisam dele por perto, para sempre estar em defesa de alguém. Por conta de suas atividades profissionais e de sempre estar envolvido nos problemas dos amigos, familiares, seus níveis de estresse são altíssimos o que resultou em questões físicas, no trato intestinal e uma dermatite atópica.

Em uma das sessões chegou a mencionar a sensação de ter o peito de ferro, pois tudo que acontece ele diz defender no peito, mas essa reação o faz perder certos limites sociais, exagerar na reação, sente que não tem controle nas suas reações e logo após, muitas vezes, se arrepende. E aqui observamos a primeira contribuição da teoria Junguiana dos complexos, já que um complexo seria imagem, uma situação psíquica, experiência de tonalidade emocional própria, que vive separada da consciência por não se conciliar com suas convicções.

O que é, portanto, cientificamente falando, um complexo afetivo? É a imagem de uma determinada situação psíquica de forte carga emocional e, além disso, incompatível com as disposições ou atitude habitual da consciência. Essa imagem é dotada de poderosa coerência interior e tem uma totalidade própria e goza de um grau relativamente elevado de autonomia, vale dizer: esta sujeita ao controle das disposições da consciência de um certo limite, e por isso se comporta, na esfera do consciente, como um *corpus alienum* (corpo estranho) animado de vida própria (Jung (1934), 1998.).

É nesse sentido que se torna tão pertinente e importante o trabalho clínico para o esclarecimento desses fenômenos ao paciente já que o complexo costuma ser autônomo, resiste à intenção consciente, do EU, que inclusive toma a forma de um complexo

Jung também percebeu que existe uma compulsividade presente na dinâmica do complexo e isso leva o indivíduo a se sentir impotente perante a vida emocional, o sujeito, no caso nosso paciente em questão se sente dominado por algo incontrolável e ao mesmo tempo impulsivo

e imediatista. Contudo sempre existe um elemento desencadeador que muitas vezes pode vir do ambiente externo e aí então acontece o que chamou de constelação do complexo.

Esse termo exprime o fato de que a situação externa desencadeia um processo psíquico que consiste na aglutinação e na atualização de determinados conteúdos. A expressão esta constelado indica que indivíduo adotou uma predisposição de expectativa, com base na qual reagirá de forma inteiramente definida. A constelação é um processo automático que se manifesta involuntariamente e que ninguém pode deter por própria vontade. Esses conteúdos constelados são determinados complexos que possuem energia específica própria. Quando a experiência em questão é de associações, os complexos em geral influenciam seu curso em auto grau, provocando reações perturbadas, ou provocam para os dissimular, um determinado modo de reação que se pode notar, todavia, pelo fato de não mais corresponderem ao sentido da palavra=estímulo. (1934)

Seguindo este raciocínio e de acordo com tudo o que foi exposto, parece que o indivíduo em questão desenvolveu formas de se manifestar diante da vida de acordo com certas cenas traumáticas, ou seja, carregadas de afeto. Nesse momento não nos cabe aprofundar na temática a respeito de trauma, contudo é necessário entender a importância dela para a visão junguiana. Então a característica fundamental na visão junguiana do trauma é o fato de que ele acontece a partir de uma pré-disposição do indivíduo.

Jung equipara o complexo ao trauma, já que os dois se originam do mesmo modo e causam uma dissociação, totalmente independente da consciência do eu que é o cerne e o centro da consciência.

É importante entender que o EU também é considerado por Jung como um complexo, que condensa conteúdos carregados de energia, que tem núcleo arquetípico, tem autonomia, é compulsório, é psique parcial fechada com seus próprios pensamentos, afeto, memória. No entanto ele se diferencia, pois é experimentado como identidade, é o único complexo de representações conscientes e, ainda sim, a liberdade de ação de um complexo é ainda maior do que a do EU.

Conclusão.

Entendendo o propósito e os limites desse trabalho, não seremos capazes de um aprofundamento sistemático sobre o tema, mas de acordo com todo o exposto até aqui, foi possível perceber que o paciente em questão, ao ter vivido uma cena traumática, vindo de seu contexto familiar, é possível que ele tenha assimilado em seu eu, em sua forma de se ver, se entender e se relacionar com o mundo as características desse complexo, ou seja, é como se em todos os momentos de tensão ele se sentisse possuído pela ideia de defender pessoas, lutar por algo com a mesma força que precisou ter no dia em que se viu na incubência de defender a mãe.

Aqui o caminho terapeutico seria fortalecer o eu, ou seja, uma vez reconhecida a presença de um complexo por parte da consciência, ela precisa identificar seu conteúdo, aceitá-lo e só então tem inicio o processo de diferenciação entre o eu e as figuras do inconsciente. Para isso o complexo precisará ser dominado, vencido, pelo eu e esse trabalho de reconhecimento e aceitação das emoções vai impor ao indivíduo aprofundamento. É um processo difícil, ja que é necessário passar por um fortalecimento de estrutura do eu que vai precisar se abrir e ir em busca de um lugar na personalidade exigindo do paciente em questão humildade e amadurecimento.

Referências Bibliográficas.

JACOBI. j. **Complexo, arquétipo, símbolo na psicologia de C. G. Jung.** Trad. Margie Martincie. São Paulo, Cultrix, 1995.

JUNG, C. G. **Estudos Psiquiátricos.** Trad. Lúcia Matilde Endlich Orth. Petrópolis. Vozes, 1994 (Obras Complexas vol 1)

JUNG, C. G. **Freud e a psicanálise.** Trad. Lúcia Matilde Orth. Petrópolis, Vozes, 1990 (Obras Completas vol. IV)

JUNG, C. G. **A natureza da psique.** Trad. Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis, Vozes, 1998 (Obras Completas vol. VIII - 2)